

ORE NHEMBO'E: CANTANDO-DANÇANDO PELA CURA DA TERRA

Ana Lúcia Ferraz¹



Na Terra Indígena Retomada Guassú Guavirá, ainda não demarcada pelo Estado brasileiro, situada às margens do rio Paraná transformado em lago pela Hidrelétrica de Itaipú, o Nhanderu conduz o grupo dos homens e mulheres que cantam-dançam para construir a terra sem mal.

¹ Doutora em Sociologia/USP. Professora no Departamento de Antropologia da Universidade Federal Fluminense.

Na condução do grupo, o mbaracá possibilita a ampliação da percepção, enquanto a voz do Nhanderu aconselha e se comunica com as outras esferas da vida sócio-cósmica Guarani.



Nhanderu cuida e sana cada uma das pessoas presentes, reorganizando os corpos para a experiência almejada do *aguydjé*, a plenitude.



No *apyka tumi*, o barco que conduz as pessoas na caminhada em contato com os primeiros habitantes que criaram tudo o que há na terra, a água sana os corpos, proporcionando saúde individual e coletiva, percepção ampliada e clareza espiritual. As mulheres com os *takuapu* e os homens com os *mbaracá* lançam suas vozes em canto para serem ouvidas pelos criadores.





A cura opera quando o Nhanduru encontra os seres causadores dos distúrbios nos corpos.



Com os adereços de penas de pássaros os guarani adquirem as características desses que foram os primeiros habitantes da terra.





As crianças são os sinais de que os criadores continuam olhando para os Guarani e que os seus espíritos continuam regressando para habitar esta terra. A maior resistência é o próprio modo de vida vigoroso, em canto e dança, produzindo cura e conexão entre as comunidades guarani.

Terra, Vida e Demarcação já das Retomadas Guarani pela saúde da Terra!



Ore Nhembo'e/Nossa Reza recupera a ideia do profetismo guarani discutido por Hélène Clastres (1978), pensado em relação às formas de organização próprias aos Guarani da fronteira Brasil/Paraguai; etnografando as práticas do “rezador” Nhandeva como um aglutinador de diferentes grupos de parentesco, um formador dos jovens que iniciam sua formação como *ywyraijá* (o ajudante do xamã), aprofundando os conhecimentos sobre o universo cosmológico guarani. Este ensaio foi produzido com o grupo do *Nhanderu* (nosso pai) Eduardo da Reserva Indígena de Pirajuí, no sul do Mato Grosso do Sul, na situação da Aty Guassu/grande assembleia guarani do oeste do Paraná.

Às margens do encontro organizado pela Comissão Guarani Ywyrupá e pelo Centro de Trabalho Indigenista, reuniram-se os rezadores mais velhos, líderes espirituais das comunidades participantes do evento, na terra Retomada Guassú Guavirá (município de Guaira, PR). Na reunião de ‘rezadores’ os temas eram os males da terra, a saúde dos corpos e as agências patogênicas presentes no mundo. Na véspera desse *jeroky*, reuniões de cura foram realizadas. Aqui, no *jeroky* que fechou o encontro, seu Eduardo conduz o grupo por horas de canto-dança, operando cura e restituindo saúde e força/*mbaerete* ao grupo.

Ore Nhembo'e é o momento de conexão com os espíritos presentes nos territórios da caminhada guarani. As formas do cuidado físico e espiritual da pessoa conectam todos seres através do canto-dança do *Nhanderu*/nosso pai. As relações entre individuação e divinização da pessoa guarani foram discutidas para o material *mbya* por Macedo e Sztutman (2014), é na experiência do canto-dança que estas duas experiências se conectam. É no canto-dança que o modo de existência guarani se configura em sua diferença constituinte (FERRAZ, 2019).

O *jeroky* é uma chave para pensar com os avá guarani que vivem dos dois lados da fronteira nacional e experimentam a partir de seus corpos e concepções, as relações de alteridade. O modo *jeroky*, constituinte da vida nas aldeias guarani é o que traz saúde, alegria e potência aos corpos. O canto-dança guarani constitui uma política cósmica que compõe com todos os seres visíveis e invisíveis que agem no grande território nunca demarcado dos que dançam. Nesse modo de vida aprendemos a dançar para que o nosso *apyka tumi* (assento espiritual) venha, para que possamos conhecer a ‘terra sem males’, experiência sensorial complexa, que virtualiza pontos de vista na experiência do canto-dança. Compreender esta cosmopolítica (STENGERS, 2018) é a tarefa da pesquisa, objetivo que só pode realizar-se se dermos o passo de devir-outros com os avá guarani.

CLASTRES, Hélène. **Terra sem mal: o profetismo Tupi-Guarani**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

FERRAZ, Ana Lúcia. Jajeroky. Corpo, dança e alteridade entre os Mbya Guarani. **Revista de Antropologia**, v. 62, n. 2, p. 350–381, 2019.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. **Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 442–464, 2018.

MACEDO, Valéria; SZTUTMAN, Renato. A parte de que se é parte: notas sobre individuação e divinização (a partir dos Guarani). **Cadernos de Campo**, v. 23, n. 23, p. 287–232, 2014.